

## IPÊ ROXO - UEMS JARDIM

A REVISTA IPÊ ROXO: DA DIFFÈRENCE AO NEXIALISMO

Gilson Vedoin (UEMS/UUJ)

*“A mudança é um processo essencial a toda a existência.”*

Dr. Spock, interpretado por Leonard Nimoy em *Star Trek, Let That Be Your Last Battlefield* (1969)

A Revista *Ipê Roxo* vem a lume num momento em que se amplificam os debates acerca da expansão dos campos de saberes, formulação de diálogos pontuados pela multiperspectividade, amplificação de trabalhos diversificados e o conceito de saberes constituídos de maneira plural, desestabilizando a normatividade academicista e impondo aquilo que Jacques Derrida definiu como *diffèrence*: o adiamento de um sentido comum aos significados impostos pela linguagem que atravessa os diversos campos dos saberes, e por que não, pelo conhecimento numa época cada vez mais marcada pelas interconexões e suas mutações significantes com um agora, agora cada vez mais multicultural e transdisciplinar.

Ampliando a teoria proposta por Saussure, aquela que postula que o signo é uma “coisa” ou um “conceito”, Derrida sobrepõe a noção de “traço”, ou seja, qualquer signo carrega não apenas o traço do que ele substituiu, mas também o traço daquilo que ele não é, ou seja, a sua diferença. Para Derrida, o signo é algo mais flexível, permitindo um campo maior de sentido, uma vez que não é dado como fechado por uma significação pronta e acabada, pois precisa de um suplemento para sua significação que nunca se completa, trazendo

[...] consigo todos os significados tranquilizantes, reduzindo todas as praças-fortes, todos os abrigos do fora-do-jogo que vigiavam o campo da linguagem. Isso equivale, com todo o rigor a destruir o conceito de ‘signo’ e toda a sua lógica. Não é por acaso que esse *transbordamento* sobrevém no momento em que a extensão do conceito de linguagem apaga todos os seus limites. (DERRIDA, 1973, p.8)<sup>1</sup>

Ora, conforme afirma Derrida, nenhum signo pode ser reduzido a si mesmo, uma vez que seu significado é constantemente adiado e marcado pela diferença relativa a outros signos. Devido a essa fenda em que o signo admite novas acepções, não se atendo somente em uma exclusiva instância, Derrida cunha o termo *différence*. Definir esse termo como palavra ou conceito, limitaria a sua significação, sendo assim, nos é colocado como um:

Neografismo produzido a partir da introdução da letra *a* na escrita da

---

<sup>1</sup> DERRIDA, Jacques. Gramatologia: São Paulo, Perspectiva, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

palavra *différence*. A *différence* não é ‘nem um conceito, nem uma palavra’, funciona como ‘foco de cruzamento histórico e sistemático’ reunindo um *feixe* diferentes linhas de significado ou de forças, podendo sempre aliciar outras, construindo uma rede cuja tessitura será impossível interromper ou nela traçar uma margem [...] tem como etimologia o verbo latino *differre*, que encerra duas significações distintas. Diferir significa ‘recorrer consciente ou inconscientemente à mediação temporal e temporalizadora de um desvio’... O outro sentido de diferir é o de não ser idêntico, ser outro, discernível. *Différence* remete ao mesmo tempo para o diferir como *temporalização* e para diferir como espaçamento ... A *différence* seria, pois, o movimento do jogo que produz as diferenças, os efeitos de diferença. A *différence* não é mais simplesmente um conceito, mas a possibilidade de conceitualidade, do processo e do sistema conceitual em geral [...]. (SANTIAGO, 1976 *apud* OTTONI, 2000, p.47- 48)<sup>2</sup>

Desse modo, se a linguagem que constitui o indivíduo e o social não é dada como uma estrutura fechada, mas sempre aberta a complementos, o conceito de construção do conhecimento já não pode ser pensado também como algo complementado e acabado, subordinado à normatividade sistêmica. Assim sendo, as formulações propostas por Derrida acabam por demonstrar que os campos sócio histórico e subjetivo são condicionados por uma estrutura de linguagem vacilante, marcada por significados culturais relativos e a serem preenchidos. Desse modo, se a noção de significado é marcada pelo adiamento indefinido e subordinada a um sistema regido pela diferença, isso só demonstra que o processo de significação é algo indeterminado e vacilante. Dessa forma, essa instabilidade da linguagem fornece subsídios teóricos relevantes para se pensar nas questões do conhecimento submetidas às tensões e fissuras impostas pelo contemporâneo. De fato, numa linguagem estigmatizada por significados movediços, a noção de saber também se torna tão instável e deslizante, tanto quanto a linguagem da qual depende.

De fato, sob o prisma do *différence* podemos pensar uma construção de conhecimento mais interativa e colaborativa, e que se inscreveria no campo do *nexialismo*, espécie de intersecção entre a pluralidade e o conhecimento vigoroso e expansivo. O termo se notabilizou no âmbito da ficção científica, em decorrência da criação do personagem Dr. Spock, da raça vulcana, que faz parte da equipe integrante da SS Enterprise na série *Star Trek*, mas aparece pela primeira vez em *Voyage of the Space Beagle*, datada de 1950 – um livro escrito por Alfred. E. Van Vogt e composto de contos que narram as peripécias intergalácticas de uma nave com cientistas terráqueos. Confinados numa espaçonave modelar no quesito tecnológico, e cuja tripulação é formada por especialistas diversificados nas áreas de engenharia aeroespacial, astronomia, psicologia, química, física e ciências biológicas, o nexialista, a princípio olhado com desconfiança, já que não era visto como supra especialista em uma área afim, se tornará o responsável por estabelecer os nexos

2 OTTONI, Paulo. A tradução da *différence*: dupla tradução e double bind. In\_\_ Alfa n. 44, p. 45-58, São Paulo, 2000.

entre as diferentes áreas do saber para interpretar situações complexas e solucioná-las, salvando a tripulação de qualquer risco eminente. Como bem nota Alexandre Peconick (2010)

O personagem central dessa obra, que inspirou muito toda a série *Star Trek*, segundo informa Walter Longo, era o único nexialista a bordo e por não ser um especialista em nenhuma disciplina específica, era olhado com certo desdém pelos demais colegas cientistas. Afinal, ninguém considerava o Nexialismo uma ciência de fato. Não é preciso dizer que, em quase todas as situações de perigo ou risco vital da nave e seus tripulantes, era sempre o nexialista que surgia como herói, graças a sua habilidade de integrar diferentes matérias ou ciências como psicologia, química e física na busca da solução ou salvação da equipe. Único generalista e integrador processual entre vários especialistas focados em suas respectivas disciplinas, acabava sendo responsável pela solução final que dava sobrevida a todos e fazia a nave avançar rumo ao futuro e aos novos desafios. Foi nesse livro que encontramos pela primeira vez o termo Nexialismo, que significa hoje uma espécie de supra ciência que integra de maneira sinérgica, complementar e sequencial as várias disciplinas que compõem o conhecimento humano, de modo que as coisas e atividades façam nexos entre si. (PECONICK, 2010, s/p)<sup>3</sup>

Desse modo, fica evidente que o nexialista se insurge como nova perspectiva de pensamento para modificar os saberes padronizados e confinados numa matriz supra especialista que já não são mais aplicáveis num momento em que o mundo e o ser se revestem de maiores complexidades. Vivenciamos e experienciamos constantemente uma série de transformações tecno-tele-midiáticas relacionadas aos novos modos de produção de saberes que permitiram a eclosão de uma realidade cada vez mais virtual, na qual estão previstas a desmaterialização do real, os agenciamentos tecnológicos, a desterritorialização e, por fim, a artificialização do existente, transformado a realidade em simulação constante. Todo esse processo nos obriga a pensar não só a questão do saber edificado nesse “real” que está em vias de desreferencialização, mas também, os modos de construção de saberes sobre essa nova configuração do mundo e das subjetividades nele inseridas.

Seguindo essas premissas, é que Revista *Ipê Roxo* se propõe a demonstrar que não há como pensar/repensar a construção dos saberes plurais sem o olhar *nexialista* e da *différence* acerca do contexto em que o ser e o mundo transitam na atualidade. Tal olhar, norteador pela construção colaborativa e interativa do conhecimento, não pode abstrair-se de lançar novos modos de leitura e questionamentos, bem como de estabelecer relações interdisciplinares e de suas interconexões com outras áreas e saberes envolvidos. O conhecimento é, cada vez mais, multicultural e transdisciplinar, e toda e qualquer forma de saber prescinde dessas interconexões que se opõem à estrutura estruturada e reducionista da supra especialização. “Live long and prosper”<sup>4</sup> à revista *Ipê Roxo*.

---

3 PECONICK, Alexandre. NEXIALISMO Já! O que é isso? Porque precisamos nos inserir neste mundo. 2010. Disponível em: [http://www.grupolet.com/noticias\\_20100531\\_nexialismo.asp](http://www.grupolet.com/noticias_20100531_nexialismo.asp) Acesso em 29/09/19.

4 Saudação vulcana feita com as mãos, popularizada na série *Star Trek*.